

**INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL - CENTRO
CURSO TÉCNICO EM MODELAGEM DO VESTUÁRIO**

**ANA JÚLIA SIMON REICHOW
ANA LAURA BAUKAT
EDUARDA SOARES
EMANUELLY ULLMANN DE BRITO
LETÍCIA SIQUEIRA
NATHÁLIA ERDMANN**

ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIORES EM JARAGUÁ DO SUL

Jaraguá do Sul
2024

ANA JÚLIA SIMON REICHOW
ANA LAURA BAUKAT
EDUARDA SOARES
EMANUELLY ULLMANN DE BRITO
LETÍCIA SIQUEIRA
NATHÁLIA ERDMANN

ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIORES EM JARAGUÁ DO SUL

Relatório de pesquisa desenvolvido no Programa Conectando Saberes do Curso Técnico em Modelagem do Vestuário do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul – Centro, como requisito de integração entre as unidades curriculares e como eixo condutor à pesquisa.

Orientadora: Anne Cristine Rutsatz Bartz
Coordenador de fase: Selomar Claudio Borges

Jaraguá do Sul
2024

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão e satisfação a todos aqueles que contribuíram para o sucesso desse projeto.

A nossa orientadora, Anne Cristine Rutsatz Bartz, merece nossa especial gratidão. Sua dedicação, orientação e apoio incondicional foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua experiência e conhecimento nos guiaram nas etapas cruciais do projeto, permitindo-nos superar obstáculos e alcançar nossos objetivos.

Também expressamos nossa gratidão à banca por sua atenção e avaliação cuidadosa do nosso projeto. Sua contribuição foi positiva, proporcionando-nos oportunidades de crescimento e melhoria.

Ao coordenador de fase, Selomar Cláudio Borges, agradecemos por sua liderança e suporte na fase de desenvolvimento do projeto.

Agradecemos também ao nosso grupo por sua colaboração, criatividade e esforço coletivo. Cada membro foi essencial para o sucesso do projeto. A diversidade de ideias e perspectivas enriqueceu nosso trabalho.

Gostaríamos de fazer uma menção especial às nossas colegas Maria Fernanda Savallisch e Leticia Monielly Danker, que não fazem mais parte do projeto. Embora tenham participado inicialmente, sua contribuição foi crucial. Sua presença deixou marcas positivas.

Nossa sincera gratidão, especialmente, à Maïke Pacher e às assistentes sociais, cujo apoio técnico e orientação foram essenciais para a conclusão das hipóteses e pesquisas.

A todos vocês, nosso mais sincero agradecimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico elaborado pela equipe	9
------------------------------------------------	---

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar o processo de adoção de crianças maiores e adolescentes que não foram adotados após os três anos de idade. Como hipóteses, adotou-se as afirmações que os pré-requisitos impostos pelos adotantes dificultam o processo de adoção, que as experiências pessoais dos adotados impactam a adaptação das famílias e que o tempo necessário para a conclusão do processo gera um desenvolvimento prolongado das crianças nos abrigos e, devido à burocracia imposta pelo Estado, há desistência por parte dos adotantes. Como meio de coleta de dados, foi utilizado as entrevistas com profissionais que atuam nesse meio, visando uma pesquisa de cunho majoritariamente qualitativo. A partir disso, obteve-se como respostas das hipóteses que, de fato, os pré-requisitos dificultam o processo devido aos critérios exigidos no cadastro. Confirmou-se também que as experiências pessoais dos adotados impactam a adaptação, pois, segundo os profissionais entrevistados, essas crianças e adolescentes têm uma história de vida, o que influencia essa etapa, positivamente ou negativamente. Contudo, a última hipótese não foi confirmada, e, com as entrevistas, concluiu-se que não é a burocracia que prolonga o tempo da adoção, mas sim os pré-requisitos dos adotantes, fazendo com que muitos acabem permanecendo nos abrigos por mais tempo.

Palavras-chave: Adoção. Crianças. Adolescentes.

ABSTRACT / RESUMEN

This study aimed to analyze the adoption process of older children and adolescents who were not adopted after the age of three. The hypotheses proposed were that the prerequisites imposed by adoptive parents make the adoption process more difficult, that the personal experiences of the adoptees impact family adaptation, and that the time required to complete the process results in a prolonged stay for children in shelters and, due to bureaucracy imposed by the State, adoptive parents may give up. Interviews with professionals working in this field were used as a means of data collection, aiming for predominantly qualitative research. Based on this, the responses to the hypotheses showed that, indeed, the prerequisites make the process more difficult due to the criteria required in the registration. It was also confirmed that the personal experiences of the adoptees impact their adaptation because, according to the professionals interviewed, these children and adolescents have a life history, which influences this stage either positively or negatively. However, the last hypothesis was not confirmed, and the interviews concluded that it is not bureaucracy that prolongs the adoption process, but rather the prerequisites of the adoptive parents, which cause many children to remain in shelters for longer periods.

Keywords: Adoption. Children. Teenagers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIORES.....	8
2.2 NÚMERO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA ADOÇÃO NO BRASIL	8
2.3 NÚMERO DE ADOTANTES NO BRASIL.....	9
2.4 NÚMERO DE ADOTANTES EM SANTA CATARINA.....	10
2.5 MOTIVOS E DIFICULDADES DA ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIORES.....	10
2.6 O PROCESSO DE ADOÇÃO E SUAS BUROCRACIAS.....	12
3 METODOLOGIA.....	12
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	13
4.1 PRÉ-REQUISITOS QUE OS ADOTANTES IMPÕEM DIFICULTAM O PROCESSO DE ADOÇÃO.....	14
4.2 EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DOS ADOTADOS IMPACTAM NA ADAPTAÇÃO DAS FAMÍLIAS.....	15
4.3 O TEMPO NECESSÁRIO PARA CONCLUSÃO DO PROCESSO GERA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NOS ABRIGOS E DEVIDO A BUROCRACIA IMPOSTA PELO ESTADO, OCORRE DESISTÊNCIA POR PARTE DOS ADOTANTES.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	24
APÊNDICE A: Entrevista com Maike Evelise Pacher, Assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul.....	26
APÊNDICE B: Entrevista com as conselheiras tutelares Aparecida Venceslau David, Maria Cristina Maba Januário, Keila Cristina de Moura Macalli, Márcia Maria Uller Alvise e Fernanda Mariana Cardoso Czycza, do Conselho Tutelar de Jaraguá do Sul. 28	28
APÊNDICE C: Entrevista com a Assistente Social Márcia Regina de Souza do Abrigo Institucional Gillian Edith Mary Hermann.....	34
APÊNDICE D: Entrevista com Maike Evelise Pacher, Assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul.....	40
APÊNDICE E: Entrevista com a psicóloga Nathália Bicarato Gonçalves do Abrigo Institucional Mônica Maria Franzner Lescowicz.....	47

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no artigo 19: “Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária”. Diante disso, a adoção de crianças maiores é uma oportunidade de dar um novo começo a crianças mais velhas que precisam de um lar, que podem acabar possuindo necessidades específicas, isso inclui o apoio emocional e terapêutico.

Dada a curiosidade do grupo sobre o tema, optou-se por aprofundar a pesquisa. Assim, o presente estudo tem como hipóteses: os pré-requisitos impostos pelos adotantes dificultam o processo de adoção; as experiências pessoais dos adotados impactam a adaptação das famílias; o tempo necessário para a conclusão do processo gera um desenvolvimento prolongado das crianças nos abrigos e, devido à burocracia imposta pelo Estado, há desistência por parte dos adotantes. Para a validação dessas hipóteses, foram realizadas entrevistas com profissionais da área, que foram gravadas e posteriormente transcritas para uma análise detalhada.

Com esta pesquisa, objetivamos analisar o processo de adoção de crianças maiores e a situação dessas crianças e adolescentes que não são adotados após os três anos de idade. Pretendendo, especificamente, compreender a situação deles nas instituições de abrigos, analisar as suas características (sexo, idade e etnia), entender a exigência dos pré-adotantes na hora de adotar e investigar o porquê desse processo ser tão demorado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo o Dicionário Aurélio (Ferreira; 2008), o termo adoção é a aceitação legal de uma criança como filho. Diante disso, segundo o Centro de Capacitação e Incentivo à Formação (CeCIF), a adoção é uma forma legal e afetiva de um casal e um adulto ter por filho uma criança que não foi gerada por eles (2001, p. 21). É uma

decisão nobre e de extrema importância para aqueles que desejam adotar os que precisam de apoio e cuidados, independentemente da idade. É importante lembrar que a adaptação das crianças e adolescentes apresenta muitos desafios, e os pais adotivos devem estar preparados para estas situações e saber oferecer todo o apoio necessário para as crianças. Uma decisão que precisa ser tomada com cautela e planejamento.

2.1 ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIORES

De acordo com o Centro de Capacitação e Incentivo à Formação (2021, p. 21), “é considerado maior a criança que se percebe e se diferencia do outro e do mundo, ou seja, a criança que não é mais um bebê. Muitos autores consideram a faixa etária entre dois e três anos como o limite da adoção precoce”. Segundo Weber (2004, *apud* Medina, 2021, p. 10) “a adoção tardia representa no Brasil, um processo de ordem ética e de natureza constitucional. Seu objetivo é atender as verdadeiras necessidades da criança e do adolescente, assegurando-lhes o direito peculiar da convivência familiar”. Para Sobral (2018),

É necessário lembrar que o adotante é o adulto da relação e deverá fornecer o suporte para a criança sentir-se amada e acolhida, sobretudo nestas fases iniciais. Paciência, dedicação, amor, informação e a certeza de que um vínculo seguro e permanente fará toda a diferença na construção desse relacionamento. Esse é o caminho para superar os desafios e assegurar uma vida saudável e feliz, tanto para a criança adotada quanto para a família que adotou.

A partir disso, entendemos que as famílias que desejam adotar deverão ser calmos, cautelosos e responsáveis para atender as necessidades dos adotados, assim facilitando a construção de um vínculo familiar.

2.2 NÚMERO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA ADOÇÃO NO BRASIL

Segundo Almeida e Saleme (2022), o Brasil acolhia 3.751 crianças e adolescentes a serem adotadas em todo o país. Em maio de 2023, conforme o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (2022 *apud* Moreno, 2023), havia cerca de cinco mil crianças esperando por pretendentes para serem adotadas, mesmo tendo, aproximadamente, 34 mil famílias na fila de espera para realizar a adoção.

De acordo com Almeida e Saleme (2022), “no que se refere aos estados, São Paulo lidera com 768 indivíduos disponíveis para adoção, seguido por Minas Gerais com 525, Rio Grande do Sul com 470, Paraná com 389 e Rio de Janeiro com 222.” Segundo a Associação dos Magistrados Catarinenses (AMC; 2022), em 2022, Santa Catarina contava com 246 crianças e adolescentes abrigadas em casas de acolhimento esperando por uma família.

Podemos observar os dados citados na figura 1:

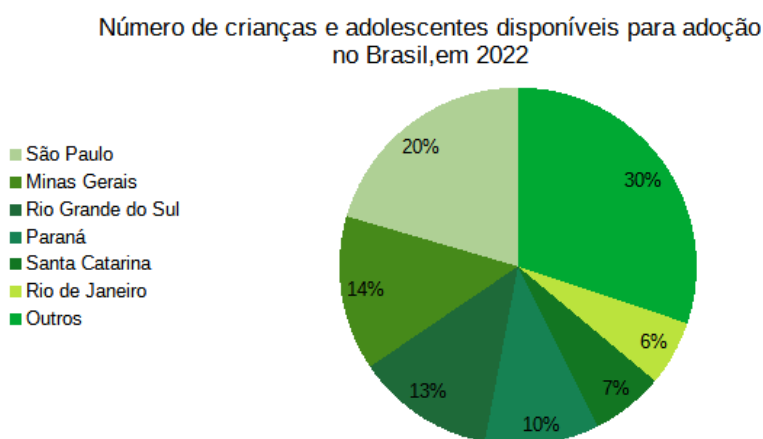


FIGURA 1: gráfico elaborado pela equipe

Sobral (2018) afirma que

Em todo o Brasil, milhares de crianças e adolescentes estão em condições de adoção. Muitas vezes essas crianças e adolescentes são desconhecidas daqueles que desejam adotar. Além disso, a maioria das famílias prefere crianças menores de 5 anos, ou com características muito específicas, o que dificulta a situação de muitas outras em plenas condições de adoção.

Com isso, compreendemos que, um fator que pode dificultar a adoção de crianças e adolescentes no Brasil, é que muitos deles não possuem os perfis específicos que os adotantes desejam.

2.3 NÚMERO DE ADOTANTES NO BRASIL

Atualmente, há uma realidade onde o número de adotantes é maior que o número de crianças e adolescentes que estão para adoção. Isso se dá por variadas questões a serem comentadas.

De acordo com o Senador Carlos Viana (2023, *apud* Agência Senado, 2023), após citar dados do Cadastro Nacional de Adoção (CNA) no Brasil, atualmente há 49.123 pessoas que pretendem adotar.

2.4 NÚMERO DE ADOTANTES EM SANTA CATARINA

Conforme Medeiros (2021), existem aproximadamente 3000 pessoas inscritas para adotar uma criança.

Ainda de acordo com a Comissão Estadual Judiciária de Adoção (Ceja), do Poder Judiciário de Santa Catarina (2020, *apud* Medeiros, 2021).

Em 2020, 373 ocorrências de adoções foram registradas no Cuida, o cadastro único informatizado de adoção e abrigo do estado. Essas ocorrências não refletem o número de pessoas adotadas e o motivo é simples: em um só processo podem ser adotados três irmãos, por exemplo. Portanto, o número de crianças e adolescentes adotados foi maior do que 373.

De acordo com os dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (2022 *apud* Moreno, 2023), em Santa Catarina, aproximadamente 35% das crianças disponíveis para adoção têm 7 anos ou mais. Isso significa que mais de um terço das crianças que aguardam adoção no estado estão nessa faixa etária mais avançada. Esses números refletem a realidade da adoção de crianças maiores em Santa Catarina, com uma considerável parcela de crianças mais velhas buscando uma família.

Além disso, de acordo com o Tribunal de Justiça de Santa Catarina (2020, *apud* Medeiros, 2021), o estado lançou um programa de incentivo à adoção de crianças maiores que oferece apoio financeiro e psicossocial para famílias dispostas a adotar crianças com idade superior a 7 anos. Essa iniciativa visa remover barreiras financeiras e fornecer suporte emocional aos pais adotivos.

2.5 MOTIVOS E DIFICULDADES DA ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIORES

Atualmente, segundo Medina (2021), a procura pela adoção de crianças maiores é bem escassa. Como citado anteriormente, em comparação ao número de

crianças disponíveis para adoção, o número de adotantes é muito alto. Desse modo, surge o questionamento do porquê de o número de crianças não diminuir no decorrer do tempo se há tantas famílias à espera de um novo membro.

Segundo Sara Vargas (2023, *apud* Moreno, 2023), da associação nacional de grupos de apoio à adoção, isso se dá por variados motivos, entre eles, o perfil exigido pelos adotantes é um dos principais impasses à adoção, que em sua maioria tem preferência por crianças brancas recém nascidas, com o objetivo de acompanhar seu crescimento. Existe também um certo medo de que a criança carregue uma experiência de vida com maus costumes, mágoas provocadas pelo abandono, havendo uma certa insegurança que a criança herde dos pais biológicos o “sangue ruim”, ou seja, que tenha traços negativos de caráter e temperamento, incluindo o receio dos adolescentes procurarem seus pais biológicos.

Durante o processo de adaptação de uma criança que foi adotada após os seus três anos de idade, existem algumas dificuldades. Para compreendermos isso melhor, consultamos um artigo no qual os autores entrevistaram adotantes de crianças maiores de três anos. Diante disso,

Os entrevistados relataram receio diante dos costumes e aprendizados adquiridos no passado da criança, sendo essa uma das principais dificuldades iniciais na construção do vínculo parento-filial. (Sampaio; Magalhães; Carneiro, 2018, p. 316)

Dentre essas dificuldades, podemos separar essas dificuldades em dois grupos: dificuldades para as crianças e para as famílias. Com as crianças, infelizmente, é muito comum terem experiências traumáticas como abusos, negligência, separação dos pais biológicos e mudanças de cuidadores. Isso pode acabar resultando em problemas de confiança, comportamentais e emocionais. Já com as famílias, a adoção de crianças maiores pode ser um desafio emocional e prático, demandando muita paciência e inteligência emocional.

Assim, é extremamente necessário que as famílias estejam cientes dessas dificuldades envolvidas na adoção de crianças maiores, para que elas estejam preparadas psicologicamente e que também busquem ajuda emocional e educacional, assim auxiliando o processo de adaptação a ser mais leve tanto para a criança quanto para a família.

2.6 O PROCESSO DE ADOÇÃO E SUAS BUROCRACIAS

Schreiner (2001 p. 81) reflete sobre essa demora: processo de adoção é considerado um processo demorado

Refletir a respeito deste “demorado”: 9 meses para esperar a chegada de um filho biológico é “tão demorado?” Devemos levar em consideração que em um processo de adoção todas as partes envolvidas tem direitos e deveres a serem respeitados e avaliados.

O processo de adoção ocorre da seguinte forma:

É permitida a adoção por parte de quem tem 18 anos ou mais e é 16 anos mais velho que a pessoa a ser adotada. Para entrar na fila da adoção, o primeiro passo é procurar a Vara da Infância e Juventude do seu município, entregar a documentação e iniciar o processo de adoção. A criança ou adolescente passa por avaliação psicológica e o Sistema Nacional de Adoção começa a procurar uma família, assim que ela estiver apta para ser adotada (BRASIL; 2021).

Conforme o site do Conselho Nacional de Justiça (CNJ; 2019) o indivíduo que decidir adotar deverá ter os seguintes documentos: cópias autenticadas da certidão de nascimento ou casamento ou declaração relativa ao período de união estável; Cópias da Cédula de identidade e da Inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF); Comprovante de renda e de residência; Atestados de sanidade física e mental; Certidão negativa de distribuição cível; Certidão de antecedentes criminais. Pode ocorrer que seu estado solicite outros documentos. Os documentos mencionados são documentos previstos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

3 METODOLOGIA

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 49), “A Pesquisa Científica visa a conhecer cientificamente um ou mais aspectos de determinado assunto. Para tanto, deve ser sistemática, metódica e crítica.” Diante disso, no projeto, a metodologia se baseou em entrevistas com profissionais que atuam nos abrigos e com aqueles que trabalham na área da adoção de crianças e adolescentes de Jaraguá do Sul. Bem

como, foi realizada uma breve entrevista sobre o assunto com a assistente social do Fórum.

No segundo momento, foram feitas entrevistas com a psicóloga do abrigo Mônica, assistente social do abrigo Gillian, conselheiro tutelar e uma nova entrevista com a assistente social do Fórum de Jaraguá do Sul com intuito de obter informações acerca de adotantes e adoções.

Considerando que a instituição de acolhimento é a moradia de crianças e adolescentes, a fim de evitar eventuais constrangimentos, foi proibida a entrada de terceiros. Portanto, o grupo foi informado que não seria possível a entrevista com os residentes do local, sendo apenas suscetível a conversa com a direção, dessa maneira foram realizadas entrevistas individuais, que foram gravadas em formato de áudio e depois transcritas.

Com as informações coletadas foi possível fazer um levantamento de dados junto a órgãos públicos responsáveis na cidade, sites e livros. Os dados obtidos foram tabulados e os gráficos puderam auxiliar na conclusão das respostas.

O presente trabalho se trata de uma pesquisa de cunho majoritariamente exploratório e qualitativo, aplicando entrevistas semiestruturadas com intuito de compreender as percepções e experiências dos participantes em relação ao tema em estudo, que contribuirá significativamente para o conhecimento acadêmico e prático na área investigada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas e refletimos sobre suas implicações em relação à adoção de crianças maiores. Para tornar a análise mais clara e organizada, dividimos a discussão em três perspectivas principais. Primeiro, exploramos como os pré-requisitos estabelecidos pelos adotantes podem tornar o processo mais difícil e prolongado. Depois, abordamos de que maneira as experiências de vida dos adotados influenciam sua adaptação às novas famílias. Por fim, investigamos o impacto do tempo de espera na permanência das crianças nos abrigos e se a burocracia do Estado tem um papel determinante na desistência dos adotantes.

4.1 PRÉ-REQUISITOS QUE OS ADOTANTES IMPÕEM DIFICULTAM O PROCESSO DE ADOÇÃO

De acordo com a assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul, o processo de adoção em geral é simples. A etapa mais demorada é a habilitação dos adotantes. O que geralmente prolonga o processo é a diferença entre as características impostas pelos adotantes e o perfil das crianças disponíveis para adoção. Grande parte dos adotantes busca meninas recém-nascidas e brancas, um perfil que raramente está disponível. Muitas vezes, a preferência por meninas está associada a estereótipos de gênero, com a visão de que meninas são mais comportadas, tranquilas e fáceis de lidar.

Há também um certo desafio em relação à adoção de crianças com deficiência, porém de acordo com a entrevistada, há a esperança de que existam famílias dispostas a adotar. *“E também tem uma questão de irmãos, separar irmãos é algo muito difícil e muito traumático também, então sempre vão priorizar o bem estar das crianças, então acaba dando prioridade para aqueles casais que tenham perfil para aceitar esse grupo de irmãos”*, relatam as assistentes sociais do Conselho Tutelar de Jaraguá do Sul.

O processo de adoção se dá pelo cadastramento no Cadastro Nacional de Adoção, que antecede a habilitação no fórum da comarca e avaliação psicossocial. Após isso, os pretendentes devem preencher o cadastro nacional e estadual, onde especificam suas preferências: sexo, idade, cor da pele, se aceitam crianças com deficiência, entre outros. Quanto mais criterioso for o casal, mais tempo poderá demorar para que se encontre uma criança que atenda a todos os seus requisitos, de acordo com a assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul *“as crianças que temos hoje para adoção não condizem com as características que os adotantes querem”*.

Se o casal for mais flexível em seus critérios, como não ter preferência na idade, gênero ou cor da pele, o tempo de espera é geralmente menor. Em resumo, a duração do processo de adoção depende diretamente do perfil exigido pelos

adotantes. Dessa forma, os critérios adotados no momento do cadastro podem facilitar ou dificultar o processo.

4.2 EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DOS ADOTADOS IMPACTAM NA ADAPTAÇÃO DAS FAMÍLIAS

De acordo com as entrevistadas, obteve-se que todas as respostas foram unânimes, ou seja, todas afirmativas que as experiências pessoais vividas pelos adotados podem, sim, influenciar na adaptação da família. A assistente social do fórum reforçou ainda mais essa ideia ao afirmar: *“eles têm uma história de vida, e por isso que influencia na adaptação, de maneira positiva ou até mesmo negativa”*, conforme relata a assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul.

A psicóloga e coordenadora do Abrigo Monica Maria Franzner Lescowicz cita também que muitos casos de devolução de crianças ocorrem por conta disso, pois muitas vezes o adotado tenta desafiar seus adotantes. Ela nos conta da seguinte forma: *“comum é que essa criança ou adolescente chegue a casa dessa família e ele vai testar. ‘Será que essa família vai dar conta de mim?’, então tudo que ele tem de pior ele vai mostrar, logo de cara, que é pra testar mesmo ‘vamos ver se eles me aguentam?’, muito comum isso acontecer, esse primeiro teste, então sim, pode influenciar sim”*.

A assistente social do Abrigo Institucional Gillian Edith Mary Hermann nos deu um exemplo de um caso que ocorreu em Jaraguá do Sul. Ela nos conta da seguinte maneira *“por exemplo, violência sexual. Nós tínhamos uma menina que agora ela está em outro abrigo, já está pra adoção também, de dez anos, ela sofreu tanta violência sexual porque ela era abusada com frequência pelos seus padrastos, então toda vez que vinha uma família afetiva que tinha um homem na composição, pra ela isso já poderia causar um dano por que homem é a referência, então eu não quero que ela seja adotada por um homem, por exemplo, então assim, pode sim, com certeza, tem tudo todo o histórico, toda a mochilinha que a gente fala de situações e da história da criança, do adolescente vai junto, não tem como não ir, querendo ou não forma o caráter da pessoa e como que ela vai lidar com o mundo ali fora e qual a visão que ela vai ter daquilo”*. Esse relato evidencia como as

experiências vividas pelos adotados impactam sua adaptação familiar, reforçando a necessidade de preparo e acolhimento adequado por parte das famílias adotivas.

4.3 O TEMPO NECESSÁRIO PARA CONCLUSÃO DO PROCESSO GERA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NOS ABRIGOS E DEVIDO A BUROCRACIA IMPOSTA PELO ESTADO, OCORRE DESISTÊNCIA POR PARTE DOS ADOTANTES

No começo da nossa pesquisa nós acreditávamos que o principal motivo para a desistência da finalização do processo de adoção por parte dos adotantes era devido à burocracia imposta pelo Estado. No entanto, a partir das nossas pesquisas, chegamos a uma conclusão de que a burocracia não influencia tanto nesta desistência, mas sim, os critérios que os adotantes impõem sobre os adotados.

“Em Jaraguá do Sul demora de 6 meses dependendo de cada caso. Quanto mais criterioso for, mais demorado o processo de adoção será, tudo dependerá dos pré-requisitos que os adotantes farão. O indivíduo que deseja adotar, possui 3 chances para conseguir conhecer a criança ou o adolescente e se adaptar, se ele não conseguir nesse meio tempo ele não poderá ser adotado a partir disso”, conforme relataram as profissionais do Conselho Tutelar de Jaraguá do Sul.

Em relação aos critérios dos adotantes de acordo com a assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul, ela afirma que: *“A maioria das pessoas quer menina recém-nascida branca (o que raramente tem) as pessoas querem meninas por ter uma visão domesticada da mulher, por exemplo: ser mais comportada, quieta e que não dá tanto trabalho”*. No que diz respeito a demora do processo de adoção, a assistente social afirma que: *“O tempo de espera depende das características, quanto mais amplo o perfil mais rápido vai ser essa adoção, agora nós tínhamos um casal que eles queriam menina, branca e recém-nascida, eles ficaram esperando 10 anos, mas eles sabiam que ia ser demorado porque os últimos bebês que nós tivemos eram meninos, então bebês já é mais raro por que os bebês só vai pra adoção quando tiver a desistência da família biológica”*.

Conforme as assistentes sociais do Conselho Tutelar *“Existe o cadastro nacional aonde os pretendentes vão se cadastrar, para isso, primeiro eles procuram*

o fórum, a comarca, o psicossocial daquela cidade faz um cadastro, depois fazem o cadastro virtual que é o cadastro nacional e por último o cadastro estadual, onde eles irão colocar o sexo, a idade, se pode ser portador de deficiência ou não, a cor do cabelo, tem tudo naquele cadastro, então quanto mais criterioso eu for, mais demorado será, porque achar uma criança dentro do meu padrão de qualidade, se eu for muito exigente eu posso ficar anos na fila. Muitos pais querem recém-nascidos, porém até essa criança ser destituída da família demora um tempo, então mesmo que ele nasça e faça todo esse processo de destituição, ele não vai mais ser um bebê recém nascido, já vai ter 5, 6 meses de vida e isso também vai diminuindo a chance desse casal adotar. Contudo, se esse casal não tem muitos critérios, não tem muitas exigências, geralmente não se fica muito na fila de espera, o processo é mais rápido. Então a demora vai acontecer de acordo com o perfil do casal. E também tem uma questão de irmãos, separar irmãos é algo muito difícil e muito traumático também, então sempre vão priorizar o bem estar das crianças, então acaba dando prioridade para aqueles casais que tenham perfil para aceitar esse grupo de irmãos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Sandra Sobral (2018), adoção de crianças maiores é um termo utilizado para a adoção de crianças e adolescentes maiores de três anos, que estão desenvolvendo sua autonomia e interação com o mundo. Esta adoção pode gerar um grande impacto em suas respectivas vidas devido ao sentimento de rejeição. Diante disso, procurou-se explorar a importância do assunto “adoção de crianças maiores em Jaraguá do Sul no ano de 2023”. Com base em entrevistas realizadas com profissionais da área e revisões bibliográficas, para o desenvolvimento do projeto, o grupo formulou as seguintes hipóteses: Pré-requisitos que os adotantes impõem dificultam o processo de adoção; as experiências pessoais dos adotados impactam na adaptação das famílias; e o tempo necessário para conclusão do processo gera o desenvolvimento das crianças nos abrigos e devido a burocracia imposta pelo Estado, ocorre desistência por parte dos adotantes.

Em relação aos pré requisitos impostos pelos adotantes, existe um sistema onde os pretendentes se cadastram, sendo esse o momento que eles colocarão todas as características como o sexo, a idade, se pode ser portador de deficiência ou não, entre outros. Nesse cadastro estão todas as informações e exigências relatadas, logo, quanto mais criterioso for, mais demorado será o processo de adoção, visto que não é comum encontrar uma criança dentro dos padrões de qualidade que os adotantes impõem.

De acordo com a assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul, *“Muitos pais querem recém-nascidos, porém até essa criança ser destituída da família demora um tempo, então mesmo que ele nasça e faça todo esse processo de destituição, ele não vai mais ser um bebe recém nascido, já vai ter 5, 6 meses de vida e isso também vai diminuindo a chance desse casal adotar. Contudo, se esse casal não tem muitos critérios, não tem muitas exigências, geralmente não se fica muito na fila de espera, o processo é mais rápido. Então a demora vai acontecer de acordo com o perfil do casal”*. Assim, entende-se que muitos casais preferem adotar bebês muito novos, mas o processo de destituição do poder familiar pode demorar meses e, quando finalmente ocorre, a criança já não é mais um recém-nascido. Consequentemente, isso pode reduzir as chances de adoção, pois alguns casais estão em busca de bebês muito pequenos. Por outro lado, casais que não impõem muitos critérios ou exigências geralmente enfrentam um processo de adoção mais rápido. Logo, ao não limitar suas preferências, eles têm maior flexibilidade e podem ser considerados para uma variedade maior de crianças, o que diminui o tempo na fila de espera. Assim, a demora no processo de adoção pode variar de acordo com o perfil do casal e suas preferências, e estar aberto a diversas possibilidades pode acelerar significativamente o processo.

Conforme a assistente social, *“as crianças que temos hoje para adoção não condizem com as características que os adotantes querem, hoje em Jaraguá do Sul temos 117 adotantes cadastrados para adotar, não perdemos a esperança quando a criança tem uma deficiência. A maioria das pessoas quer menina recém-nascida branca (o que raramente tem) as pessoas querem meninas por ter uma visão domesticada da mulher, por exemplo: ser mais comportada, quieta e que não dá tanto trabalho”*. A fala destaca um descompasso entre as características das

crianças disponíveis para adoção e as preferências dos adotantes em Jaraguá do Sul. Mesmo com 117 adotantes cadastrados, muitos ainda mantêm esperanças de adoção. Entretanto, a maioria dos adotantes prefere meninas recém-nascidas brancas, um perfil raro. Essa preferência reflete estereótipos e visões domesticadas sobre meninas, vistas como mais comportadas e de fácil manejo.

Também há a questão sobre irmão, pois conforme as profissionais do Conselho Tutelar de Jaraguá do Sul *“separar irmãos é algo muito difícil e muito traumático também, sempre será priorizado o bem estar das crianças, então acaba dando prioridade para aqueles casais que tenham perfil para aceitar esse grupo de irmãos”*. A partir disso, podemos concluir que esses pré-requisitos impostos pelos adotantes dificultam o processo de adoção, podendo levar mais tempo para que o processo aconteça e podendo gerar desistências por parte dos adotantes, pelo fato de que as características nas quais eles desejam na pessoa na qual eles desejam adotar não estejam de acordo com suas exigências.

Sobre as experiências pessoais vivenciadas pelos adotados e as adaptações das famílias, antes de serem adotados eles possuíam seus próprios costumes e suas próprias rotinas, no entendimento das profissionais do Conselho Tutelar de Jaraguá do Sul foi destacado que antes da adoção, as crianças e adolescentes já tinham hábitos, rotinas e costumes próprios, que podem ser bastante diferentes dos da nova família. Essa adaptação é um processo natural e necessário, tanto para a criança quanto para os pais adotivos. O respeito à história do filho adotivo e a paciência na construção de um novo cotidiano são fundamentais para que ele se sinta acolhido e seguro.

Outra forma de experiência que influencia são os traumas que os adotados possuem, como por exemplo, a violência física, a violência sexual, a violência psicológica e também há o abandono, *“Nós tínhamos uma menina que agora ela está em outro abrigo, já está pra adoção também, de dez anos, ela sofreu tanta violência sexual porque ela era abusada com frequência pelos seus padrastos, então toda vez que vinha uma família afetiva que tinha um homem na composição, pra ela isso já poderia causar um dano por que homem é a referência, então eu não quero que ela seja adotada por um homem”*, relata a psicóloga social do Abrigo Institucional Gillian Edith Mary Hermann. Levando isso em consideração, diante

dessas experiências, é essencial que o processo de adoção seja acompanhado por profissionais capacitados para ajudar tanto a criança quanto a família adotiva. Cada caso deve ser tratado com sensibilidade, respeitando os limites e necessidades emocionais da criança.

Para o acompanhamento da adaptação dos adotados existe o acompanhamento feito pela psicóloga social para que a família esteja preparada para qualquer tipo de situação, conforme a psicóloga do Abrigo Institucional Mônica *“o mais comum é que essa criança ou adolescente chegue a casa dessa família e ele vai testar. ‘Será que essa família vai dar conta de mim?’ , então tudo que ele tem de pior ele vai mostrar, logo de cara, que é pra testar mesmo”*. Diante disso, observamos que essas vivências acabam influenciando tanto nas adaptações das famílias como nas dos adotados *“porque eles têm uma história de vida, e por isso que influencia na adaptação ou positivamente ou até negativamente”*, como declara a assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul.

A respeito do tempo necessário para a conclusão do processo de adoção, que gera o desenvolvimento das crianças nos abrigos devido à burocracia imposta pelo Estado, ocorre desistência por parte dos adotantes, o processo de adoção acontece da seguinte forma, a pessoa interessada em adotar se cadastra no Cadastro Nacional de Adoção, para isso os interessados deverão procurar o fórum, a comarca, o psicossocial de sua cidade, para fazer o cadastro virtual que é o cadastro nacional e por último o cadastro estadual onde será preenchido com as características que eles desejam que a criança ou adolescente possa ter, como o sexo, a idade, a cor de cabelo, entre outras, conforme as profissionais do Conselho Tutelar de Jaraguá do Sul: *“Em Jaraguá do Sul demora em média 6 meses, dependendo de cada caso. Quanto mais criterioso for, mais demorado o processo de adoção será, tudo dependerá dos pré-requisitos que os adotantes optarem. O indivíduo que deseja adotar, possui 3 chances para conseguir conhecer a criança ou o adolescente e se adaptar, se ele não conseguir nesse meio tempo ele não poderá ser adotado a partir disso”*. A fala destaca em relação a duração do processo de adoção em Jaraguá do Sul variar, podendo levar em média seis meses, dependendo das exigências dos adotantes. Quanto mais específicos forem os critérios dos adotantes, mais tempo poderá levar. Os adotantes têm três oportunidades para

conhecer e se adaptar à criança ou adolescente; se isso não ocorrer, a adoção não será realizada. Isso enfatiza a importância de abertura e flexibilidade dos adotantes para aumentar as chances de sucesso no processo de adoção.

De acordo com a assistente social, o processo de adoção é complexo e envolve várias etapas para garantir o bem-estar das crianças. Inicialmente, busca-se o retorno à família de origem, com um acompanhamento do CREAS para assegurar que a família esteja preparada para receber a criança de volta. Caso isso não seja possível, inicia-se o processo de destituição do poder familiar, que deve ser realizado dentro de um prazo legal. Se a criança ou adolescente é destituído e não há famílias cadastradas que atendam ao perfil, pode ocorrer um prolongamento no abrigo. O sistema SNA ajuda a monitorar os prazos e garantir que as crianças não sejam esquecidas, com avaliações mensais dos casos. O objetivo principal é minimizar o tempo de acolhimento e garantir que todas as crianças encontrem um lar adequado o mais rápido possível.

Podemos concluir que o que dificulta o processo de adoção não é somente as burocracias impostas pelo Estado, mas também os pré-requisitos impostos pelos adotantes, que insistem em querer adotar a criança ou adolescente “perfeito” (dentro de seus padrões de exigências), por conta disso muitos jovens acabam morando nos abrigos por muito mais tempo do que outros, pois de acordo com a assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul, *“a maioria das pessoas quer menina recém-nascida branca (o que raramente tem) as pessoas querem meninas por ter uma visão domesticada da mulher, por exemplo: ser mais comportada, quieta e que não dá tanto trabalho”*, esses pré-requisitos são a razão pela qual o número de pretendentes à adoção ser maior do que o número de crianças disponíveis, *“a maioria se cadastram para crianças que ainda não existem, essa é a simples resposta, nós não temos no Brasil mil meninas brancas e recém-nascidas para uma adoção que eles querem, e também tem a questão dos irmãos, a maioria quer uma criança só, nós não separamos irmãos principalmente se forem gêmeos, então nós temos muitas crianças e adolescentes disponíveis, porém elas não se encaixam com as características que eles pretendem”*, afirma a assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul. A fala evidencia uma disparidade significativa entre as expectativas dos adotantes e a realidade das crianças disponíveis para adoção.

Muitas pessoas preferem meninas recém-nascidas brancas, um perfil que é raríssimo no Brasil. Essa preferência é baseada em estereótipos de gênero que veem as meninas como mais comportadas e fáceis de cuidar. Além disso, a maioria dos adotantes deseja adotar uma única criança, enquanto há muitos irmãos disponíveis para adoção. Portanto, a discrepância entre o desejo dos adotantes e as características das crianças disponíveis resulta em um número elevado de pretendentes à adoção, mas poucas adoções concretizadas. Isso reforça a necessidade de uma mudança de mentalidade entre os adotantes, para que aceitem perfis variados e considerem a adoção de grupos de irmãos, garantindo assim um lar para mais crianças e adolescentes que aguardam pela adoção.

Com relação aos objetivos específicos, o grupo procurou analisar detalhadamente o processo de adoção de crianças maiores, bem como a situação das crianças e adolescentes que não são adotados após os três anos de idade em Jaraguá do Sul no ano de 2023. Esta etapa do trabalho foi concluída com êxito graças às entrevistas aprofundadas realizadas com profissionais especializados da área, incluindo psicólogas e assistentes sociais. Essas entrevistas forneceram informações valiosas e contribuíram significativamente para a compreensão das complexidades e desafios enfrentados durante o processo de adoção e a situação dessas crianças e adolescentes.

Com relação aos objetivos específicos, a equipe sugeriu quatro tópicos principais: compreender a situação das crianças e adolescentes nas instituições de abrigo; analisar as características das crianças abrigadas quanto a sexo, idade e etnia; entender o motivo pelo qual os pré-adotantes exigem tantos pré-requisitos na hora de adotar; e investigar as razões pela demora no processo de adoção. Após finalizar e analisar as entrevistas com profissionais qualificados da área, provenientes de diferentes instituições, como o Fórum, o Conselho Tutelar e abrigos, podemos concluir que nossos objetivos, tanto específicos quanto gerais, foram verificados e alcançados com sucesso.

Dessa forma, a análise dos áudios das entrevistas realizadas revela que a adoção de crianças mais velhas apresenta diversos desafios. Esses desafios incluem a adaptação à nova família, os traumas decorrentes de experiências anteriores vividas pelas crianças e adolescentes, e a necessidade de alinhar

pensamentos e convivências entre a família adotante e o adotado. Este processo é naturalmente demorado, especialmente quando os adotantes impõem muitos requisitos específicos para a criança que desejam adotar. Quanto mais critérios são estabelecidos, mais complicado e prolongado se torna o processo de adoção.

Por outro lado, adotantes que apresentam menos exigências tendem a enfrentar um processo de adoção mais rápido. No entanto, isso não elimina os desafios inerentes à adaptação do adotado à nova família. É importante reconhecer que, independentemente da velocidade do processo, a integração de uma nova criança mais velha na família requer paciência, compreensão e um apoio contínuo para superar traumas e construir uma convivência harmoniosa.

Estas considerações finais ressaltam a complexidade do processo de adoção de crianças mais velhas e a necessidade de um preparo adequado tanto para os adotantes quanto para os adotados, a fim de garantir um ambiente acolhedor e seguro que favoreça o desenvolvimento saudável e a integração familiar.

Como sugestão para futuras pesquisas, acreditamos que uma pesquisa mais aprofundada sobre o processo de adoção e suas burocracias seria interessante como continuidade do tema, visto que, compreender o processo burocrático da adoção de crianças e adolescentes é vital para assegurar a proteção dos direitos dessas crianças e adolescentes, garantir a transparência e ética do processo, e preparar adequadamente os futuros pais adotivos. Além disso, esse entendimento facilita a adequação das famílias às necessidades das crianças, oferece suporte contínuo às famílias adotivas, ajuda a reduzir o tempo de espera para a adoção e promove uma maior sensibilização social sobre a importância da adoção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pauline; SALEME, Isabelle. **Quase 70% das crianças aptas para adoção no Brasil têm mais de oito anos**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quase-70-das-criancas-aptas-para-adocao-te-m-mais-de-oito-anos/>. Acesso em: 10 out. 2023.

ASSOCIAÇÃO DOS MAGISTRADOS CATARINENSES. **Santa Catarina tem mais pretendentes do que crianças para adoção**. 2022. Disponível em: <https://www.amc.org.br/novo/santa-catarina-tem-mais-pretendentes-do-que-criancas-para-adocao/>. Acesso em: 24 out. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça: **Como adotar uma criança no Brasil: passo a passo**. 2019. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-aco-es/adocao/passo-a-passo-da-adocao/>. Acesso em: 8 nov. 2023.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: **Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL. Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL, Ninhos do. **Adoção: quais são os passos para adotar uma criança?** 2021. Disponível em: <https://www.ninhosdobrasil.com.br/adocao-saiba-tudo>. Acesso em: 07 nov. 2023.

CeCIF. **101 Perguntas e Respostas sobre Adoção/organização** Cecif. São Paulo: CeCIF, 2001. Acesso em: 24 out. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Aurélio: o dicionário da língua portuguesa, Curitiba, Ed. Positivo, 2008. Acesso em: 8 nov. 2023.

MEDEIROS, Ângelo. **Busca Ativa estimula a adoção tardia e transforma a vida de famílias catarinenses**. 2021. Disponível em: <https://www.tjsc.jus.br/web/imprensa/-/busca-ativa-estimula-a-adocao-tardia-e-transfo-rma-a-vida-de-familias-catarinenses>. Acesso em: 31 out. 2023.

MEDINA, Adriana Almeida. **Adoção tardia e os obstáculos à sua concretização**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/27398/4/Artigo%20Ado%C3%A7%C3%A3o%20Tardia.pdf>. Acesso em: 24 out. 2023.

MORENO, Sayonara. **Brasil tem mais de 5 mil crianças e adolescentes à espera de adoção**. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023->

05/brasil-tem-mais-de-5-mil-criancas-e-adolescentes-espera-de-adocao/. Acesso em: 31 out. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013. 26 p. Acesso em: 8 nov. 2023.

PÚBLICO, Conselho Nacional do Ministério. **Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no país**. 2023. Disponível em: <https://portaltj.tjrj.jus.br/web/portal-da-infancia-e-juventude/adocao/perguntas-frequentes>. Acesso em: 3 out. 2023.

SAMPAIO, Débora da Silva; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Pedras no caminho da adoção tardia: desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais**. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000100012#:~:text=Dentre%20as%20principais%20dificuldades%20relatadas,viv%C3%AAs%20passadas%20para%20a%20crian%C3%A7a. Acesso em: 07 nov. 2023.

SENADO, Agência. **Projeto institui benefício para pessoas de baixa renda interessadas em adoção tardia**. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/07/17/projeto-institui-beneficio-para-pessoas-de-baixa-renda-interessadas-em-adocao-tardia>. Acesso em: 31 out. 2023.

SCHREINER, Gabriela (São Paulo) (ed.). **101 Perguntas e Respostas sobre adoção**. São Paulo: Mil Folhas, 2001.

SOBRAL, Sandra. **O que é adoção tardia: mitos e verdades**. 2018. Disponível em: <https://geracaoamanha.org.br/o-que-e-adocao-tardia/>. Acesso em: 10 out. 2023.

APÊNDICE A: Entrevista com Maike Evelise Pacher, Assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul.

Entrevistador: O que é considerado adoção tardia?

Entrevistada: Não chamamos mais de adoção tardia, hoje chamamos de adoção de crianças maiores. Adoção de crianças maiores toma como parâmetro sempre a idade que é mais procurada naquele momento, então se você fizesse essa pergunta para mim a 10 anos atrás, adoção de maiores seria a partir de 3 anos, hoje famílias abrem exceções até 5 anos. Então pode se considerar que a adoção de crianças maiores é a partir dos 5 anos. É importante ressaltar que não existe um estudo científico que comprove o que é adoção de maiores, é aproximadamente essa idade. Existem também muitos autores que falam que adoção tardia pode ser considerada a partir do momento que criança vira independente, ou seja, não usa mais fraldas, se alimenta sozinha...

Entrevistador: Quantas famílias estão na fila de adoção em Jaraguá?

Entrevistada: Hoje na comarca de Jaraguá do Sul temos 127 famílias cadastradas para adoção e mais ou menos 27 pessoas em processo para se habilitar, hoje habilitados são 127.

Entrevistador: Qual perfil de crianças é mais procurado e mais rápido de ser adotado?

Entrevistada: O perfil de criança mais procurado ainda é menina, branca, recém nascida e saudável. Existem muitos mitos sobre adoção, o estereótipo de que a menina é mais dócil, mais fácil de criar e cuidar ainda é muito presente. A presença do racismo ainda é muito forte e a questão da criança saudável está muito relacionada com a aceitação de um deficiência intelectual ou física.

Entrevistador: Há muitas famílias que aceitam adotar crianças acima de 3 anos?

Entrevistada: Em relação a idade também existem muitos mitos, acredita que a criança já viria com uma experiência de vivência negativa e que já influencia na educação futura, então também tem esse mito que precisamos combater, porque a gente sabe que qualquer ser humano é capaz de ressignificar e adquirir novos conhecimentos.

Entrevistador: Quantas crianças estão para adoção em Jaraguá do Sul? Qual é a faixa etária delas?

Entrevistado:

- 1- Menino, 16 anos, branco, saudável;
- 2- Menino, 13 anos, negro, saudável;
- 3- Menino, 13 anos, negro, saudável ;
- 4- Menino, 14 anos, branco, (não divulgado);
- 5- Menino, 15 anos, branco, saudável;
- 6- Menina, 10 anos, branca, com problemas de saúde;
- 7- Menina, 17 anos, branca, saudável;
- 8- Menina, 16 anos, branca, saudável.

Entrevistador: O que acontece quando se completam 18 anos?

Entrevistado: Ao completar 18 anos, nós em Jaraguá do Sul temos duas instituições de acolhimento e 1 serviço de acolhimento familiar, uma das instituições de acolhimento é um abrigo provisório, é onde as crianças ficam até definir sua situação, ou voltam para a sua família biológica ou são encaminhados para adoção, não havendo possibilidades de adoção de forma mais imediatas, ou seja, aquelas crianças ou adolescentes que não existem famílias para o seu perfil, elas são encaminhadas para outra instituição de acolhimento que chamamos de acolhimento de longa permanência, lá ficam aguardando uma possibilidade de adoção e ao

mesmo tempo preparados para a vida adulta, então além de estudar eles fazem cursos profissionalizantes, inseridos no jovem aprendiz, aos poucos inseridos do mercado de trabalho e quando completam 18 anos eles recebem um auxílio aluguel que é um projeto da prefeitura de Jaraguá do sul (exclusivo de Jaraguá do Sul) os profissionais do abrigo providenciam um enxoval para o jovem e quando completam 18 anos vão morar sozinho. Ele já está inserido no mercado de trabalho e tem o auxílio aluguel durante um tempo até ele se estabilizar e se for um adolescente com problemas intelectuais e físicos, que não podem ter uma vida autônoma eles são encaminhados para instituições de longa permanência, existem algumas no estado que atendem e se responsabilizam por esses jovens.

APÊNDICE B: Entrevista com as conselheiras tutelares Aparecida Venceslau David, Maria Cristina Maba Januário, Keila Cristina de Moura Macalli, Márcia Maria Uller Alvise e Fernanda Mariana Cardoso Czycza, do Conselho Tutelar de Jaraguá do Sul.

Entrevistador: Qual o papel do conselho tutelar no processo de adoção de crianças maiores?

Entrevistada: Obrigatoriamente o conselho tutelar age antes da criança ou do adolescente estar para adoção, porque o que o conselho tutelar faz, ele acompanha as situações da criança e do adolescente. Digamos que existe um adolescente em risco, e fizeram uma denúncia para o conselho tutelar, e então ele vai agir naquela denúncia, para proteger aquela criança ou adolescente. Então o conselho tutelar faz os encaminhamentos para a rede de atendimento que atende para medida de proteção como pro CREA, CRAS, para a saúde, ministério público, defensoria pública e para o judiciário dependendo da situação, então são várias vertentes que vão atender e tentar resolver a situação da criança e do adolescente.

Vamos supor que os pais, tutor ou responsável estão tentando melhorar, não conseguiu aí sim tem uma última medida que é de repente a perda, suspensão do poder familiar, então a criança vai para um abrigo. O conselho tutelar pode indicar para o juiz que aquela criança ou aquele adolescente está passando por uma

dificuldade e que precisa ir para o abrigo para o bem dele porque o abrigo não é um castigo, é uma proteção para que a criança ou o adolescente, e então juiz define se a criança vai ou não, isso não é o conselho tutelar que escolhe. Em algumas situações específicas que tem uma criança ou adolescente em risco eminente e que não tem uma família extensa, um avô, avó ou tio que possa ofertar a segurança para aquela criança, o conselho tutelar pode pegar aquela criança e colocar no abrigo, nestes casos nós temos 24h para fazer um relatório, descrever tudo certinho e entregar para o juiz para que ele possa ofertar ou homologar aquela decisão que nós tomamos como colegiado porque decisão não é só minha, se não for uma decisão colegiada, a decisão não existe. Neste momento a criança ou o adolescente está lá no abrigo, a partir daí existe todo um trabalho para que possa então restaurar os vínculos familiares daquela criança ou daquele adolescente. Se imaginarmos que não conseguimos restaurar o vínculo, não tendo alguém que possa efetivamente cuidar dessa criança então à destituição do poder familiar mas é um trâmite extremamente delicado de buscas, observações, atendimento, acompanhamento da rede de proteção através do judiciário.

Entrevistador: Você tem conhecimento sobre quanto tempo demora entre a criança ser encaminhada para o abrigo e a sua adoção ocorrer?

Entrevistada: Não tem nada específico, existem prazos, por exemplo, pra depois que a criança entrou no abrigo, existem prazos do PIA, que eles têm que fazer um relatório do desenvolvimento da criança, dos contatos existentes, da rede de atendimento que tá trabalhando com a família, mas depois que a criança tá pronta pra adoção, daí depende de como caminha a fila.

Tem toda essa questão que a Cida passou que a criança vai precisar passar por esses ajustes familiares, se volta pra família, se não volta se vai ser realmente instituída, então isso demora muito tempo. Aí depois, vamos dizer que a criança foi instituída da família e agora está pronta para a adoção como a Cida falou. Qual é o tempo? É o tempo que vai aparecer um casal, vai depender da fila de espera, dos perfis dos pais daquela criança. Vocês estão falando de crianças maiores e de adolescentes, então nesses casos costuma-se demorar um pouco mais, porque as

exigências dos perfis dos pais que querem adoção geralmente são de bebês e de crianças menores até quatro anos, então passou disso se trata de uma adoção tardia, que pode demorar um pouco mais.

Entrevistador: Quais os maiores motivos que levam as crianças a serem encaminhadas para o abrigo? Todas elas podem ser adotadas?

Entrevistada: Nem todas as crianças que estão nos abrigos estão para adoção, aquelas que não estão para adoção e estão nos abrigos estão geralmente em um período para organização familiar e a possibilidade de retornar a sua família, e pode ser que a criança ou adolescente volte, se a família fizer um movimento de mudança de atitudes para acolher essa criança ou adolescente, ou pode ser que não aconteça isso, aí vai ser destituído e vai para adoção ou pode ficar de licença e então não volta para os pais e vai para os avós, para os tios, os padrinhos, alguém que entre com o pedido de guarda dessa criança ou do adolescente, e que vai garantir os seus direitos. E quanto os maiores motivos para a criança ou adolescente ir para o abrigo, quando se trata das crianças é negligência familiar, drogadição que é o uso abusivo de álcool ou de outras drogas, por parte dos pais, podendo deixar as crianças em situações de risco, de abandono, abuso sexual, isso em relação às crianças. Quanto ao adolescente que vai para o abrigo hoje em dia, está associado à negligência familiar, e muitas vezes ao adolescente que se coloca em risco, no caso se auto viola os seus próprios direitos. A adolescência por si só é um período muito difícil da vida, a adolescência é uma época nova da vida, na adolescência é um período de ranço, e muitos possuem muita raiva da vida, onde ficamos com raiva da gente mesmo, mas se você tem uma família que tem condições melhores e apoio, e pessoas que estão do seu lado e que te dão equilíbrio emocional e que te ouvem, se torna mais fácil de lidar com isso. Agora, quando você não possui essa rede de apoio, o jovem, o adolescente acaba encontrando essas fugas no próprio celular, achando amigos virtuais que levam para lugares indevidos, fugindo dessa realidade através de drogas e de álcool, como forma de fuga de suas próprias ansiedades.

Entrevistador: Qual é o tempo de espera de uma família que deseja adotar em Jaraguá do Sul? Se for demorado, por quê?

Entrevistada: Demora de seis meses dependendo de cada caso. Quanto mais criterioso for, mais demorado o processo de adoção será, tudo dependerá dos pré-requisitos que os adotantes farão. Ficam numa fila de espera a demora acontece pelo perfil que o casal escolherá. O indivíduo que deseja adotar possui três chances para conseguir conhecer a criança ou o adolescente e se adaptar se ele não conseguir nesse meio tempo ele não poderá adotar a partir disso.

Entrevistador: Os adotantes têm pré-requisitos? Se sim, esses pré requisitos podem dificultar o processo de adoção?

Entrevistada: Existe o cadastro nacional aonde os pretendentes vão se cadastrar primeiro eles procuram o fórum, a comarca, o psicossocial daquela cidade faz um cadastro, depois fazem o cadastro virtual que é o cadastro nacional e por último o cadastro estadual, onde ele vai colocar lá sexo, idade, se pode ser portador de deficiência ou não, a cor do cabelo, tem tudo naquele cadastro, então quanto mais criterioso eu for, mais demorado será, porque achar uma criança dentro do meu padrão de qualidade, se eu for muito exigente eu posso ficar anos na fila. Muitos pais querem recém-nascidos, porém até essa criança ser destituída da família demora um tempo, então mesmo que ele nasça e faça todo esse processo de destituição, ele não vai mais ser um bebe recém nascido, já vai ter 5, 6 meses de vida e isso também vai diminuindo a chance desse casal adotar. Contudo, se esse casal não tem muitos critérios, não tem muitas exigências, geralmente não se fica muito na fila de espera, o processo é mais rápido. Então a demora vai acontecer de acordo com o perfil do casal.

E também tem uma questão de irmãos, separar irmãos é algo muito difícil e muito traumático também, então sempre vão priorizar o bem estar das crianças, então acaba dando prioridade para aqueles casais que tenham perfil para aceitar esse grupo de irmãos.

Entrevistador: A criança é afetada psicologicamente por passar mais tempo no abrigo?

Entrevistada: Depende do abrigo ou dessa família, depende também de qual foi o processo que essa criança entrou no abrigo, e de cada pessoa também, porque às vezes uma pessoa ela amadurece mais rápido do que a outra, uma tem mais dificuldade ou mais maturidade, a outra não, e também assim, depende também de qual o processo, porque aí gera uma expectativa, a equipe técnica do abrigo precisa começar a trabalhar com essa criança que ela vai ter uma nova família, que ela vai ter uma experiência, que ela vai isso que ela vai aquilo, daqui a pouco há uma reversão lá no judiciário, porque o processo estava caminhando tudo para destituir, daí aqui deu certo no judiciário de Jaraguá do Sul, daí vai pra segunda instância, daí a família que era o violador daquela criança, ela entra novamente como uma segunda instância, e aí lá no supremo tribunal em segunda instância ela consegue essa criança de volta, daí a criança tem que ir pra família de volta, daí ela fica lá com a família, daí ela chega lá na família e o direito é violado de novo, porque aquilo que existia antes não está sarado, daí essa criança acaba fazendo o que? Voltando para o abrigo, então você imagina a cabeça de uma criança ou até mesmo de um adolescente, que vai para o abrigo, volta pra casa, vai pro abrigo de novo, entende, daí começa todo o processo de novo, as percas são muito grandes, o processo de rejeição interior é algo muito sério, então é um trabalho muito difícil da equipe para sanar essas dificuldades e fazer com que essa criança se mantenha apta na expectativa de uma nova família, de uma nova casa e de novas possibilidades.

Entrevistador: As experiências pessoais vividas pelo adotados podem influenciar na adaptação da família?

Entrevistada: Com certeza, então assim, quando sua mãe teve você, você cresceu ali e todas as experiências familiares vocês conhecem, a minha filha não conheceu as experiências anteriores, agora eu só conheço um pouco porque eu trabalho no conselho tutelar e as minhas colegas conheceram um pouco a história dela, então a gente faz essa troca, mas a maioria das mães não têm esse contato com o passado

do filho, então eles chegam à nossa família com muitas dúvidas, um contexto novo, de repente a mãe faz uma comida de um jeito e agora a mãe adotiva faz de outra forma às vezes eles não gostam às vezes a rotina da casa são muito diferentes, então todas as experiências que vocês têm até o dia de hoje não vai ser anulada, se hoje vocês mudarem para outro país para fazer intercâmbio lá em outro lugar, tudo o que vocês viveram até hoje não vai deixar de existir, então para nós enquanto pais é tudo muito novo também, a gente tem que aprender a serem pais, mas é muito gratificante também ver uma troca tão válida para nós do que para vocês, vocês estão nessa fase difícil como a Cida falou né, a adolescência e todas essas questões dela, mas em compensação vocês tão perto da aprendizagem, porque velho é mais complicado, é mais fácil mudar a cabeça de vocês do que as nossas, a gente já tem nossas convicções, nossas experiências, mas tudo isso enriquece muito, tanto uma parte quanto a outra.

Entrevistador: Existem casos de desistência durante o processo de adoção em Jaraguá do Sul?

Entrevistada: Não, as pessoas que estão ali permanecem, às vezes chegam casos assim de até ter desistido, mas quando recebem a ligação voltam atrás. Irei até citar um caso pra vocês que eu lembro que foi em 2019, conheci um casal que estava na fila há sete anos esperando um bebê e daí nasceu uma criança e a mãe desistiu, ela não queria o bebê, e de repente a mulher que queria estava trabalhando e ela já achava que nem iria mais conseguir adotar e aí o telefone tocou, e começou toda aquela emoção, eles adotaram o menino e ele hoje está a coisa mais linda. Então eles praticamente já pensavam “nossa não vamos ter uma criança”. E hoje em Jaraguá existe um grupo de adoção né, um grupo chamado “Adoção Ato de Amor” que são famílias que já adoram crianças e são famílias que ainda estão na fila esperando as crianças para adotar, então são várias pessoas que estão aguardando, tem gente que está há nove anos na fila e ainda aguarda firme e forte na espera de adotar uma criança ou adolescente.

APÊNDICE C: Entrevista com a Assistente Social Márcia Regina de Souza do Abrigo Institucional Gillian Edith Mary Hermann

Entrevistador: Qual o papel da assistência social no processo de adoção de crianças maiores?

Entrevistada: Eu posso falar um pouco do trabalho que eu executo aqui, então nosso abrigo hoje conta com doze acolhidos, dez aqui na casa e dois em outra instituição, fora, como nosso público seria mais adolescente, aqui seria mais uma forma de preparar esse adolescente pra vida adulta, porque pode ser que ele seja adotado ou não, então o que a gente faz está ali no processo de adoção já foi incluída no cadastro de adoção, ela está em espera como tem os nossos aqui, se alguns estão nesse cadastro de adoção esperando e enquanto eles aguardam aqui no abrigo, qual que seria nosso papel, estou falando como equipe não só meu trabalho a gente prepara esse adolescente pra vida adulta então o que acontece, eu faço a parte de isenção de colocar eles no mercado de trabalho, cursos profissionalizantes, atividades externas de lazer também trabalhar essa autonomia deles, de que forma a gente trabalha a autonomia deles? Por exemplo, aqui na casa eles cumprem tarefas, são responsáveis em lavar as roupas deles, em cuidar dos seus pertences, deixar o roupeiro e a cama organizados, trocar os lençóis semanalmente, após as refeições tem uma escala de limpeza aonde eles limpam o refeitório cada um um dia é responsável, isso é uma organização pra vida adulta, por que depois eles vão ter que contar com eles mesmos, então a gente tem que preparar eles e não deixar eles fazer tudo por eles, então é justamente essa autonomia, eles vem pra cá pra gente trabalhar isso é a mesma coisa no mercado de trabalho, então isso é tudo analisado, por exemplo, se a gente ver como eles são que aquele ou aquela jovem que entra com 16 anos ela pode trabalhar com menor aprendiz quatro horas como ela pode trabalhar no período integral, então a gente avalia a situação psicológica dela no momento e emocional para ver se ela vai dar conta, porque tem adolescentes que chegam aqui com tantas violências que eles não tem um suporte emocional pra dar conta de trabalhar o dia inteiro e ainda estudar a noite, então o que a gente opta é botar ele como menor aprendiz para fazer só quatro horas em outro período no

contra turno escolar, por que a gente sabe que é isso que ele vai dar conta e continuar a trabalhar essa questão da autonomia, da socialização, porque muitos devido as violências, as vezes eles não conseguem se socializar e ficam mais quietos e sozinhos, não conseguem ter essa troca e interação, então a gente trabalha tudo isso e faz os encaminhamentos necessários para quando precisar encaminhar pra terapia psicológica, mas por vezes a gente tem dificuldade por que o município ele não oferta essa questão de terapia, não é oferecida de forma gratuitas, por isso a gente conta com parceiros para ter um atendimento do CAPSi, que é um equipamento em que eles atendem essas demandas psicológicas só que são demandas assim que extrapolam no sentido de estar causando muito dano e risco de vida pra esse adolescente ou ele causa risco de vida para outro adolescente de que forma se auto violando ou causando violência contra o outro, então é encaminhado ali, mas esses que não tem esse comportamento, nós ficamos num vácuo dessa situação por que não tem como encaminhar pro CAPS e não tem atendimento psicoterapêutico pelo SUS, aí que a gente conta com os parceiros dos apadrinhamentos onde eles que ofertam esse serviço de forma gratuita ou com o desconto social, isso quando a gente consegue, quando não tem fica sem atendimento, porque aqui embora tenha a equipe técnica uma psicóloga o papel dela não é fazer psicoterapia, por que tem que ser fora até por que ela já conhece o adolescente, já tem esse vínculo então tem que ser uma pessoa de fora neutra para poder fazer esse atendimento de forma eficaz.

Entrevistador: Você tem conhecimento sobre quanto tempo demora entre a criança ser encaminhada para o abrigo e a sua adoção ocorrer?

Entrevistada: Não tem como dar um tempo, porque é variável, depende do histórico de cada um. Mas se você reformular a pergunta para: após a destituição do poder familiar, aí sim, se o adolescente chega e não está destituído, porque assim, ele chega, vai passar pelo outro abrigo, vai passar pela destituição, e falando da nossa realidade, por exemplo, veio o adolescente pra cá que já tem seus dezesseis anos, já está destituído, está pronto para ser encaminhado para o processo de adoção, então se faz um vídeo do adolescente falando sobre ele, faz um texto, tira fotos e aí

ele autoriza, pois primeiro tem que saber se o adolescente quer essa adoção, então a gente sempre pergunta se é do gosto dele ser adotado até porque ele já tem idade para decidir o que quer, então não adianta mandar um adolescente que não quer ser adotado, pois se aparecer uma família ele vai acabar não se vinculando e auto sabotando a adoção, então ele tem que estar pronto para aquilo. Mas se houve a destituição, está pronto para a adoção e o adolescente quer, a gente faz o encaminhamento e aguardamos. Então não temos como saber o tempo que isso vai levar entende um mês atrás nós encaminhamos um vídeo de um menino de catorze anos, ele está no cadastro e até agora nada, mas pode ser que semana que vem apareça um interesse, então está vendo como eu não tenho como te dar um período exato para acontecer, ele pode ser chamado ou não, inclusive nós temos um menino que está a dois anos e meio aqui e ele já está nesse cadastro todo esse tempo e até hoje não veio nada então ele vai ficando aqui.

Entrevistador: Quais os maiores motivos que levam as crianças a serem encaminhadas para o abrigo? Todas elas podem ser adotadas?

Entrevistada: Os maiores motivos seriam hoje em dia, violência psicológica, violência física e sexual.

Todas que estão destituídas podem ir para o cadastro de adoção, mas nem todos têm chance de ser adotados, pois irá depender da situação na qual o adolescente se encontra, porém todos têm o direito de estar no cadastro de adoção.

Entrevistador: Como é a rotina das crianças que estão no abrigo?

Entrevistada: A rotina deles é igual à de qualquer adolescente, tanto que vocês podem perceber que o abrigo é igual uma casa, não dá pra dizer que aqui é um abrigo, justamente para eles se sentir como se tivessem na casa deles mesmo, eles tem acesso livre a ir pra escola de bicicleta, ir para os seus cursos de bicicleta, ao não ser os dias que tem chuvas, que daí eles são levados pro que tem o carro da prefeitura, eles têm essa autonomia, então vão para a escola para o trabalho, vão pro curso, tudo autônomo, nós temos três agora que trabalham no Fort, eles vão a

pé e a tarde eles vão de bicicleta pra escola, então somos normais, aí nós temos um apadrinhamento que ele faz cortes de cabelo, por exemplo, todo mês eles têm corte de cabelo com ele agendado de forma gratuita, aí eles também vão sozinhos lá no Vila Nova, vão de bicicleta, exceto uma menina de saúde mental bem crítica que ela é levada e buscada em todos os compromissos e também uma outra que entrou agora de 17 anos que ele tem muito essa questão de decisão suicida e a gente tá trabalhando algumas coisas nela, então por enquanto a gente não deixou ela assim fazer tudo sozinha, a gente está trabalhando isso por que a gente precisa trabalhar essa autonomia ainda mais que ela tem 17 anos então tudo depende da situação de cada adolescente, mas a vida é normal e outra coisa também eles não tem acesso ao celular, então eles não usam o celular e rede social é sempre o cuidador que fica olhando o acesso, então é restrito a vários tipos de plataforma e aí eles não tem acesso ao uso de celular, se eles chegar com o celular aí a gente pega, deixa guardado nas coisas dele e quando sair daqui leva o celular, mas aqui na casa ou na escola em qualquer lugar eles não usar o celular, a não ser que usem escondido que aí a gente não tem controle.

Entrevistador: Os adotantes têm pré-requisitos? Se sim, esses pré requisitos podem dificultar o processo de adoção?

Entrevistada: Na realidade essa pergunta não me caberia responder, aonde faz o cadastro para adoção lá ele te dá todos os detalhes e também existem os pré-requisitos, passa por uma série de entrevistas com assistente social faz uma visita auxiliar para essa pessoa ou casal que queira adotar, tem idade mínima para adotar tem a questão legal que não pode responder na justiça. Então é uma série de coisas que o perfil tem que se encaixar naquilo ali, aí depois de certo período a criança está pronta para adoção.

Entrevistador: Os adotantes podem escolher qual criança eles vão adotar?

Entrevistada: Então assim, eles estão prontos para adotar alguém, então existe um sistema chamado busca ativa do judiciário. Lá eles vão acessar esse sistema

e vai ter os perfis de cada criança e de cada adolescente, é como se fosse um cardápio. Está lá a foto da pessoa, quais os detalhes, de qual estado que é, e aí eles vão ver “ah não, gostei do perfil dessa aqui, vou clicar em cima, vou mostrar interesse”. Aí mostrou interesse e eles entram em contato com a Maíke, por exemplo, e começam as aproximações.

Entrevistador: A criança é afetada psicologicamente por passar mais tempo no abrigo?

Entrevistada: Com certeza, é muito prejuízo. Por isso que o acolhimento é uma medida excepcional, de caráter excepcional e provisório. Só que esse provisório, muitas das vezes não é o que está pré-proposto na ECA, que deveria ficar no máximo um ano e meio, mas não, ficam dois anos, três anos. E o dano que isso causa é grande, porque aqui, eu posso falar daqui, desse abrigo, como é tudo adolescente, eles não têm um quarto só pra eles, então eles dividem o quarto com mais, é separado em feminino e masculino.

Entrevistador: O que acontece com as crianças e adolescentes com alguma deficiência que não são adotadas?

Entrevistada: É o caso, por exemplo, dos nossos dois que estão lá em Piçarras, e essa casa é especializada para saúde mental, porque eles não tinham condição de ficar aqui dentro com os demais, devido ao autismo, por exemplo, autismo grave, deficiência intelectual grave, na realidade além deles prejudicarem a si mesmos, prejudicava os outros, a convivência com os demais, então aí entra o direito do outro né, e também sendo excluído da escola e tudo mais, então não tinha como permanecer aqui, por exemplo, hoje nós temos dois adolescentes de saúde mental difícil, e inclusive esses dois já estão afastados da escola, eles têm aulas aqui dentro da instituição, daí vem um professor e ele fornece essas aulas, inclusive com um tá tudo certo, a outra nós encaminhamos para o mesmo processo, ela recebe por enquanto atividades aqui, mas parece que é pra vir um professor também, porque né não tem como ficar no meio escolar, a escola já não deseja ter eles mais, então assim já começa a ter essa exclusão, embora aqui também tenha a exclusão entre

eles mesmos, porque assim às vezes eles são motivo de chacota, não conseguem participar efetivamente das coisas dinâmicas da casa né, por conta mesmo dessa saúde mental né, toma diversos medicamentos controlados, tem tudo isso.

Entrevistador: Existem casos de desistências durante o processo de adoção em Jaraguá do Sul?

Entrevistada: Sim, existem várias desistências, e por trás disso há um grande acompanhamento pela comarca e com a assistente social, para tentar ajudar essa família a conseguir dar conta.

Entrevistador: Na sua opinião, por que é mais difícil para as crianças maiores serem adotadas?

Entrevistada: As pessoas têm uma visão que assim, é como ditado velho né “o pepino se entorta desde cedo” então assim quando se tem certa idade e o adolescente já adquiriu um perfil, por exemplo, consegue impor suas opiniões, sabe o que gosta. E uma criança ainda está em processo de construção, o caráter da criança está em construção, então é mais fácil trabalhar um caráter ainda não concluído do que já ter alguém que está pronto, não que o ser humano esteja pronto e acabado. Mas na visão da maioria aparenta ser mais fácil, por isso é mais difícil adotar crianças maiores e pelo caso de adolescente já ser mais problema, não importa se está numa família extensa, numa família biológica ou se foi adotado né. E o adolescente vai ter suas frustrações, seus problemas e aí cabe à família resolver essas situações.

Entrevistador: As experiências pessoais dos adotados podem influenciar na adaptação da família?

Entrevistada: Sim, por exemplo, violência sexual né, nós tínhamos uma menina que agora ela está em outro abrigo, já está pra adoção também, de dez anos, ela sofreu tanta violência sexual porque ela era abusada com frequência pelos seus padrastos,

então toda vez que vinha uma família afetiva que tinha um homem na composição, pra ela isso já poderia causar um dano por que homem é a referência, então eu não quero que ela seja adotada por um homem, por exemplo, então assim, pode sim, com certeza, tem tudo todo o histórico, toda a mochilinha que a gente fala de situações e da história da criança, do adolescente vai junto, não tem como não ir, querendo ou não forma o caráter da pessoa e como que ela vai lidar com o mundo ali fora e qual a visão que ela vai ter daquilo.

APÊNDICE D: Entrevista com Maíke Evelise Pacher, Assistente social do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul.

Entrevistador: Qual o papel da assistência social no processo de adoção de crianças maiores?

Entrevistada: Depende em qual dos serviços que ele está desempenhando esse papel. O assistente social da instituição de acolhimento tem uma atribuição, nós do judiciário temos outra atribuição, então irei falar dos serviços do judiciário. Primeiro cuidar do processo da destituição, a gente acompanha esse processo de destituição inclusive somos nós assistentes sociais que fazemos o estudo social que é um documento aonde a gente vai à casa, faz uma visita, conhecer aquela realidade para elaborarmos um documento que vai embasar a decisão da juíza, geralmente tem avaliação psicológica e tem o estudo social, geralmente são os documentos mais importantes e que o juiz utiliza para tomar a decisão e quando se trata de processo de adolescente a gente precisa tomar muito cuidado porque a gente sabe que o adolescente se ele entra num abrigo é muito difícil a gente colocar ele em uma família porque nós sabemos, é de conhecimento geral que na maioria das vezes deseja se crianças até 5, 6 ou 7 anos. Então quando a gente destitui um adolescente a gente precisa tomar muito cuidado para que seja realmente o último recurso, a destituição. Ele indo para adoção vai ser muito difícil encontrar uma família, depois que ele já está no abrigo então nossas funções quanto assistentes sociais é procurar familiar para eles.

Entrevistador: Você tem conhecimento sobre quanto tempo demora entre a criança ser encaminhada para o abrigo e a sua adoção ocorrer?

Entrevistada: Quando a criança ou adolescente entra no abrigo, primeiro se busca o retorno dela para família de origem e isso pode demorar um tempo, um ou dois meses, dependendo da situação não tem como dar uma quantidade de tempo exato, mas claro que nós somos muito conscientes com o tempo da criança, pois é muito importante e precioso, até porque não podemos deixar a criança lá um ano esperando que a família se reorganize para recebê-la de volta, então a família de origem vai ser acompanhada pelo CREAS (Centro de Referência de Assistência Social) a equipe do CREAS vai chegar lá e falar olha vocês tem que se organizarem nisso, receber tratamento para alcoolismo, drogas, as orientações vão depender da situação e eles vão ter um tempo para mostrar que estão preparados para receber essa criança de volta. Caso eles não façam essa demonstração e a gente ver que realmente essa criança está em risco ou às vezes, por exemplo, é um caso de violência sexual, violência física grave, que nem tem como fazer esse trabalho de retorno, nesses casos o promotor vai analisar a situação e vai fazer a destituição do poder familiar, a lei diz que nós temos 120 dias para realizar o processo de destituição do poder familiar, mas às vezes passa disso. Teoricamente seriam esses quatro meses, mas às vezes passa um pouco.

Então o primeiro passo é o retorno para a família de origem, não deu certo? Passa pela destituição, está destituída, então entendemos que a criança ou adolescente está pronta para ser encaminhada para adoção aí o que fazemos? Vamos buscar o cadastro, então se eu tenho uma criança de dois anos que está destituída e vou para o cadastro, ela já vai ter família. O período dessa criança no abrigo vai ser bem menor e não vai ultrapassar muito desses 120 dias. Agora se é um adolescente de 13, 14, 15 anos eu não tenho família cadastrada, então eu não posso dizer quanto tempo, nós já chegamos a ter crianças e adolescentes que ficaram até completar 18 anos e não tinha como encaminhar para a adoção porque não encontramos família, essa é a realidade. Então o tempo sempre vai depender dessas questões, se é pra retornar para a família vai depender de uma série de avaliações, mas nunca é muito tempo porque a gente não pode deixar a criança lá

acolhida e se for para destituição o processo não é demorado até porque a própria lei determina, nós temos um sistema que é o SNA que cada vez que passa o prazo começa um alerta dizendo “criança com prazo vencido” então nós temos toda a corregedoria fiscalizando então nenhuma criança acolhida é esquecida todo mês a gente senta e discute caso a caso todos eles para ver o que podemos fazer, porque o nosso trabalho é para que eles fiquem menos tempo possível no acolhimento.

Entrevistador: Quais os maiores motivos que levam as crianças a serem encaminhadas para o abrigo? Todas elas podem ser adotadas?

Entrevistada: Os maiores motivos seriam a violência física, a violência sexual, a violência psicológica e também há o abandono, tem pais que simplesmente quando a criança ou adolescente esta passando por uma situação um pouco mais desafiadora os pais os abandonam. Em Jaraguá do Sul, por mais que seja uma cidade considerada com baixo índice criminal, nós ainda temos um índice muito elevado de violência sexual, e muita violência de pais contra os filhos, ou de repente acontece através de padrasto ou madrasta, ou com avô ou avó, ou seja, muitas vezes acontece por meio da família que deveria estar cuidando da criança, e que cometem esses atos de violências, e se a criança foi para um abrigo, e porque a situação dessa criança ou adolescente foi muito grave, pois o abrigo é o ultimo recurso. Não são todas as crianças que podem ser adotadas, existem apenas dois tipos de possibilidade da criança estar disponível para a adoção onde a criança esteja destituída do poder familiar ou quando os responsáveis assinam um termo de consentimento.

Entrevistador: Como é a rotina das crianças que estão no abrigo?

Entrevistada: As crianças e adolescentes que estão na instituição de acolhimento têm uma vida normal, como qualquer outra criança, claro que, não é um núcleo familiar, tanto que vocês sabem que nós temos o projeto famílias acolhedoras aqui em Jaraguá do Sul, uma breve explicação, existem duas modalidades de acolhimento, tem o institucional e o “Famílias Acolhedoras”, o “Famílias

Acolhedoras” são famílias que se cadastram e recebem pago para acolher uma das crianças, se eu não me engano o valor é de um salário mínimo, então eles ficam com uma criança ou duas, claro que eles são acompanhados por toda uma equipe técnica. Hoje em dia, a gente prefere todo mundo que trabalha na área prefere o acolhimento familiar, o família acolhedora ao institucional, por que mesmo não sendo a sua família, é uma convivência de família, é outra realidade, o institucional, são cuidadores, um vai um vem, então assim, é outra rotina, então a gente têm preferência pelo acolhimento familiar, porém, poucas famílias se cadastram, hoje eu acho que nós temos oito famílias acolhedoras, por quê? Por que as pessoas têm medo de acolher, se apegar e depois sofrer quando a criança forem embora, eles não conseguem fazer esse trabalho sem essa questão emocional, mas eu posso dizer pra vocês que as famílias acolhedoras que a gente tem são muito boas, e ajudam muito no desenvolvimento dessas crianças, adolescentes, nós temos um, por exemplo, que ele já deve estar já uns cinco anos com a família acolhedora, ele já está com vinte anos, ele vai ser desacolhido agora né porque a gente conseguiu prolongar o acolhimento dele um pouco, a família vai parar de receber mas ele vai continuar morando com essa família, então querendo ou não é uma referência de família, mesmo não sendo a sua família.

Entrevistador: Na sua opinião, por que é mais difícil para as crianças maiores serem adotadas?

Entrevistada: A maioria das famílias que se cadastram para adoção vem de situação de infertilidade, ou seja, elas vêm buscar na adoção uma possibilidade de se tornar pai e mãe, e conseqüentemente acabam idealizando a criança pequena. São poucos, raríssimos aqueles que vêm com uma mente mais aberta dizendo “não, esse meu filho pode ser um adolescente”, esse é um dos motivos. Segundo motivo é a questão de acharem que criança maior não tem como “moldar” (eles usam essa expressão por acreditar que quanto menor mais fácil de “moldar” a criança, como se um ser humano a gente pudesse moldar.) Vão ter características que eles vão ter sempre e cabe a nós amar e respeitar. Vocês têm irmãos? Vocês sabem que cada um tem uma personalidade diferente, se a mãe quisesse moldar, iria moldar os dois

iguais. Então têm coisas que não dá. Eu sempre digo para as famílias que vão adotar que você vai ensinar valores para os seus filhos, que não pode roubar que não pode matar que têm que se esforçar, que não pode “pisar em cima das pessoas”, você vai ensinar valores, agora, questões de personalidade muita coisa faz parte dela, e cabe a nós amá-la como ela é. Ou é mais teimosa ou é mais calada ou é mais introspectiva, “a não, mas eu quero que a minha filha seja cantora”, mas a filha quer ser jogadora de futebol. É muito romantizada a adoção, principalmente de crianças pequenas que eu vou ensinar desde pequenininho a ser do jeito que eu quero, e a gente sabe que não é assim. Então, as pessoas ainda têm muito receio de adotar adolescente, criança maior, porque acha que ela já vem com costumes, com manias, que aprendeu coisas ruins em casa, se a destituição foi porque o pai era alcoólatra que a criança vai virar alcoólatra, então assim, ainda existem muitas coisas a serem trabalhadas. Esses são dois motivos, a idealização da criança pequena e achar que adolescente vai vir com costumes que não vão conseguir trabalhar, e o terceiro motivo é pela questão da vivência da criança, eles têm medo da vivência, principalmente se foi vítima de abuso sexual “ah eu não vou dar conta de lidar com isso”, então é mais difícil mesmo o encaminhamento da criança maior.

Entrevistador: Qual é o tempo de espera de uma família que deseja adotar em Jaraguá do Sul? Se for demorado, por quê?

Entrevistada: O tempo de espera depende das características, quanto mais amplo o perfil mais rápido vai ser essa adoção, agora nós tínhamos um casal que eles queriam menina, branca e recém-nascida, eles ficaram esperando 10 anos, mas eles sabiam que ia ser demorado porque os últimos bebês que nós tivemos eram meninos, então bebe já é mais raro por que o bebe só vai pra adoção quando tiver a desistência da família biológica, por que um processo de destituição acontece, geralmente, a criança fica um tempo com a família biológica para daí ter a destituição então nós temos poucas entregas por ano, esse ano acho que nós tivemos só uma entrega de bebê diretamente na maternidade. Eles podem definir algumas características como sexo, a idade mínima e a idade máxima, a etnia pode ser também selecionada, óbvio que a maioria não se cadastra para uma criança

negra e indígena, essas são as duas que são menos cadastradas por que ainda tem toda essa questão do preconceito, da necessidade das famílias que se cadastram que a criança seja parecida e a maioria também vêm com o seguinte discurso: eu queria uma criança branca por que eu não saberia lidar com o sofrimento dela se ela sofresse algum tipo de preconceito na escola, com os amigos, então continuando, se aceitam gêmeos, se aceitam irmãos e até quantos além da criança adotada, se aceitam problemas de saúde tratável, se aceita criança com problema físico ou mental, então é basicamente isso que os adotantes podem cadastrar.

Entrevistador: Os adotantes têm pré-requisitos? Se sim, esses pré requisitos podem dificultar o processo de adoção?

Entrevistada: O processo de adoção é muito simples o que demora é a habilitação, as crianças que temos hoje para adoção não condizem com as características que os adotantes querem, hoje em Jaraguá do Sul temos 117 adotantes cadastrados para adotar, não perdemos a esperança quando a criança tem uma deficiência. A maioria das pessoas quer menina recém-nascida branca (o que raramente tem) as pessoas querem meninas por ter uma visão domesticada da mulher, por exemplo: ser mais comportada, quieta e que não dá tanto trabalho.

Entrevistador: Os adotantes podem escolher qual criança eles vão adotar?

Entrevistada: Não existe um não ou sim, o casal que está há mais tempo na lista de espera pode chegar a ver a criança primeiro se ela bater com as características que eles esperam, ligamos pra eles primeiro e conversamos que há uma criança disponível, depois conversamos com eles sobre a criança e vai da opção deles se querem ou não, mostramos fotos e depois partimos para uma aproximação, até porque não queremos que a criança vá e depois volte.

Entrevistador: A criança é afetada psicologicamente por passar mais tempo no abrigo?

Entrevistada: Sim, porque lá elas são muito bem tratadas, mas não é uma família, elas têm perdas pequenas de aprendizagem que qualquer família tem, por exemplo, vocês ajudam a escolher um produto no mercado? Olham a data de validade? Podem escolher a marca do arroz, do macarrão? Quando vocês vão comprar uma roupa, vocês vão provar e vão vê-la como fica? Essas coisinhas de cotidiano, de família, isso falta pra eles, eles não têm oportunidade de ir comprar um tênis na loja, geralmente é doação. Então assim, não desenvolve essas coisinhas básicas, do dia a dia. Nunca foram a um banco, habilidades sociais, eles vão pra escola, vão pra igreja, quem tem religião vai pra igreja, mas falta aquela coisa de convívio e de família. Então eles saem de lá muito menos experientes para lidar com as coisas do mundo do que alguém que teve uma família. Fora os traumas de não ter um pai, de não ter uma referência. Então com certeza.

Entrevistador: O que acontece com as crianças e adolescentes com alguma deficiência que não são adotadas?

Entrevistada: Ao completarem dezoito anos eles vão para um lugar chamado residência exclusiva, é um local específico para essa demanda. Então até os 18 anos ficam nos abrigos e quando completam maior idade vão para esse lugar que não é em Jaraguá do Sul

Entrevistador: As experiências pessoais dos adotados podem influenciar na adaptação da família?

Entrevistada: Sim, porque eles têm uma história de vida, e por isso que influencia na adaptação ou positivamente ou até negativamente. Mas pra isso, nós vamos acompanhar para ajustar essas coisas, para trabalhar.

Entrevistador: Existem casos de desistências durante o processo de adoção em Jaraguá do Sul?

Entrevistada: De acordo com a Maíke no abrigo eles têm uma demanda deles, que é de no máximo 12 crianças, o conselho tutelar já trabalha com outra demanda que já é um pouco mais ampla, nós trabalhamos com uma demanda muito maior, porque a gente lida com todas as adoções que são de casais de Jaraguá do Sul e de casais de fora, aliás, há muito mais adoção de famílias com crianças de fora do que de crianças daqui, então esse número vai ser diferente de novo, e sim acontecem interrupções de estágio de convivência, ou seja, há sim várias desistências.

Entrevistador: Qual é a razão pela qual o número de pretendentes à adoção ser maior do que o número de crianças disponíveis?

Entrevistada: Porque a maioria se cadastrar para crianças que ainda não existem, essa é a simples resposta, nós não temos no Brasil mil meninas brancas e recém-nascidas para uma adoção e eles querem, a maioria dessas características e também tem a questão dos irmãos, a maioria quer uma criança só, nós não separamos irmãos principalmente se forem gêmeos, então nós temos muitas crianças e adolescentes disponíveis, porém elas não se encaixam com as características que eles pretendem.

APÊNDICE E: Entrevista com a psicóloga Nathália Bicarato Gonçalves do Abrigo Institucional Mônica Maria Franzner Lescowicz

Entrevistador: Qual o papel da psicóloga no processo de adoção de crianças maiores?

Entrevistada: O papel dele é trabalhar dentro das demandas que dizem respeito ao acolhimento, então a gente vai atender a criança ou adolescente que está acolhido na perspectiva de entender o que ele está entendendo do acolhimento e acolher os sentimentos dele e se necessitar de uma psicoterapia mais individualizada fazemos o encaminhamento. O psicólogo vai acompanhar a família de origem desta criança, para que essa criança possa voltar pra casa, a lei diz que a prioridade é permanecer no seio da família de origem, o primeiro trabalho é com a família que é feito pela

psicóloga, assistente social e pedagoga com intuito de que a família compreenda o que aconteceu que gerou o acolhimento da criança para que ela possa mudar de postura, ou entender o que houve que era incorreto, é necessário que todos os profissionais estejam juntos nessa análise familiar para mostrar o que aconteceu de errado. Se a família não cumprir com o papel, os profissionais conversam com maior cuidado dependendo da idade da criança e dizem que ela será encaminhada a outra família que quer cuidá-la da forma correta.

Entrevistador: Você tem conhecimento sobre quanto tempo demora entre a criança ser encaminhada para o abrigo e a sua adoção ocorrer?

Entrevistada: Depende muito, mas não depende do judiciário ou do abrigo e sim da família, porque vamos percebendo a condição que essa família tem de responder a este trabalho ou não e aí que vai demorar tanto, e como a lei obriga que a criança seja criada dentro da família ou na família extensa, a gente precisa investir nessa família por direito da criança, a gente respeita o direito da criança, nessa faixa etária de cinco anos ela tem um processo judicial, por exemplo: deficiência ou avós que querem adotar. Todas as crianças que estão no Abrigo Mônica têm algum tipo de processo, desde bebês a adolescentes, é muito relativo.

Entrevistador: Quais os maiores motivos que levam as crianças a serem encaminhadas para o abrigo? Todas elas podem ser adotadas?

Entrevistada: Em Jaraguá do Sul o maior motivo é a negligência, e o que seria essa negligência? Seria deixar de cuidar dessa criança sabendo que ela precisa de certos cuidados, ou seja seria a ignorância dos cuidados que elas necessitam. Essa criança só vai ser encaminhada para o abrigo em casos muito graves, então seria uma situação de negligências muito séria, como por exemplo, quando seu responsável não a leva para o hospital quando ela estiver doente, ou quando essa criança está cheia de piolho, sarna, ou desnutrida por causa de falta de cuidados da sua família. Este tipo de situação é o que mais gera acolhimento, depois que a criança está no abrigo ela começa a revelar coisas porque ela vai se sentindo

segura, ela vai entendendo o que seria o cuidado adequado, então aí ela começa a revelar, e é ouvido muitas situações de violências físicas mais do que qualquer outra coisa. Ou seja, dois grandes motivos seriam a negligência e a violência física.

Entrevistador: Como é a rotina das crianças que estão no abrigo?

Entrevistada: Como de todo mundo, como de qualquer criança. Elas acordam, tomam o cafezinho, quem vai pra escola de manhã vai para a escola quem não vai fica em casa, às vezes eles têm alguma atividade fora, um médico, uma consulta, tem alguns que fazem psicoterapia tem outros que tem outras terapias, têm outros atendimentos, eles têm atividades fora. Temos motoristas para levar essas crianças, temos os horários das coisas aqui dentro, por exemplo, 9 horas eles têm lanche, come uma fruta, 11h30min eles vão almoçar e aí volta quem estava na escola de manhã, quem vai para a escola de tarde se ajeita quem estava na escola de manhã tem outras atividades, de noite normalmente tá todo mundo aqui em casa, às vezes tem um ou outro que tem curso. Mas todos tem a rotina como de qualquer outra criança, tem a hora de brincar, a hora de fazer tarefa, obviamente que dentro do abrigo às regras são bem mais rígidas do que dentro de uma casa, porque numa casa tem 1, 2, 3 ou até 4 crianças, aqui temos 16 mas em termos de rotina eles tem uma rotina igual qualquer outro, por exemplo se fica doente eles vão num postinho ser atendidos, a única coisa que mudamos é que independente do bairro que eles estão nós vamos transferir de escola para uma escola perto do abrigo, não temos condição de levar uma criança lá no bairro Santo Antônio com a outra criança que estuda no bairro Vila Lenzi, e também precisamos respeitar o zoneamento das escolas, então eles vem para uma escola que é perto. Temos cuidadores 24h por dia, temos três turnos de cuidadores em cada turno tem em média 5 cuidadores apenas de madrugada que tem 2 ou 3 dependendo do dia mas existem pessoas cuidando deles 24h por dia além da equipe técnica que está trabalhando com essas questões, tem o pessoal da limpeza, então lá dentro funciona como uma casa mesmo, só que é uma casa maior, com mais gente e com muito mais regras mas a rotina deles é normal.

Entrevistador: Na sua opinião, por que é mais difícil para as crianças maiores serem adotadas?

Entrevistada: Não, até os nove anos é bem tranquilo, a partir dos dez anos vai depender do perfil da criança, por exemplo, se ela é mais tranquila e outra característica também é a criança que tem irmão, então a família já olha para isso de outra forma, como dizem o pequeno puxa o grande, então daí sim. Até cinco anos a família pensa que vai tranquilo e dos cinco aos nove anos também, mas depende do perfil, por exemplo, com 10 tem criança que já é um pouco mais rebelde e desobediente, já tem algumas características mais difíceis e isso faz com que demore mais.

Entrevistador: Qual é o tempo de espera de uma família que deseja adotar em Jaraguá do Sul? Se for demorado, por quê?

Entrevistada: Não sei te dizer ao certo qual seria o tempo de espera, essa resposta quem tem é o judiciário. O tempo que a pessoa leva para adotar depende muito do perfil que ela escolhe, então quanto mais características ela colocar mais tempo a família vai levar para adotar uma criança. A demora se deve a isso, um processo que precisa saber que tudo que podia ser feito foram esgotadas as possibilidades de trabalho da família de origem.

Entrevistador: Os adotantes têm pré requisitos? Se sim, esses pré requisitos podem dificultar o processo de adoção?

Entrevistada: A avaliação desses pretendentes a adoção é feito pelo psicossocial do Fórum, não é feita por nós e também existe um processo judicial que habilita essas pessoas para adotar então sim é feito uma avaliação que é feita pela equipe de lá e eles determinam o perfil, quem que eles querem adotar, um menino, uma menina de tal idade, se só quer branco, se pode ser preto, pode ser amarelo, tudo isso ele pode escolher ali naquele momento que ele faz o cadastro e isso é o que vai dificultar ali

na frente porque aí vai precisa ver a criança que nós temos então o que eles botam pode facilitar ou não.

Entrevistador: Os adotantes podem escolher qual criança eles vão adotar?

Entrevistada: Escolher não, eles não vem aqui e escolhem a criança que eles querem a partir do momento em que terminou o processo judicial o psicossocial vem e diz olha a gente tem essa criança fulaninho de tal, tem tal idade e faz uma descrição dessa criança, esses adotantes estão inscritos no cadastro nacional, então eles (psicossocial) vão lá à fila pra ver quem é o primeiro que "casou" com o perfil dessa criança que a gente tem disponível pra adoção, ai eles vão entrar em contato com essa família para pedir se querem conhecer e a família diz sim ou não, com isso a juíza autoriza que eles se conheçam e aí sim. Não existe né um tipo de mercadinho de eu quero esse ou aquele, até por isso que as visitas no abrigo não são permitidas, eu não posso deixar que o pessoal que querem adotar entre aqui e vejam as crianças, porque se não já vão fantasiar que vai adotar aquele fulano, às vezes nem vai ser aquela criança de fato. O que existe para crianças mais velhas, aquelas que não têm ninguém na lista do cadastro de adoção, existe um programa de Busca Ativa, nesse programa fazem um vídeo da criança que são divulgados e as pessoas veem se interessam e pedem autorização judicial e aí conhece a criança ou adolescente, esse programa é feito apenas com crianças mais velhas e adolescentes.

Entrevistador: A criança é afetada psicologicamente por passar mais tempo no abrigo?

Entrevistada: Com toda certeza! Às vezes a gente percebe mudanças no comportamento da criança que "ah fulaninho era de um jeito e agora está de outro" e a gente diz que é a síndrome do acolhimento comprido. Porque o que ele está manifestando pra gente? Que ele não aguenta mais esse lugar, que ele quer uma definição, eu sempre digo que abrigo não é lugar de criança, a gente cuida deles, mas aqui não é o lugar deles o lugar deles é em uma casa, com uma família

cuidando deles e então assim quando eles chegam, costuma ser assim, eles chegam muitos fragilizados porque obviamente estava acontecendo alguma coisa muito ruim e aí eles foram tirados da casa deles, apesar de ser uma mãe e um pai que não cuidam direito é a mãe e o pai que eles têm, eles sentem falta dessas pessoas, então os primeiros dias costumam ser os mais complicados, os pequenos choram mais e é mais difícil. Depois passa um tempo e aí eles ficam “nossa esse lugar é massa, eu estou aqui e sendo bem cuidado, ninguém bate em mim, ninguém me maltrata” aí eles ficam bem, gostam do abrigo alguns até chamam aqui de casa, e aí passa um tempo começa a dar chlique, ainda as vezes falam “ah será que tá com alguma coisa?” e eu digo, não gente, não tem que fazer nada essa criança só está sofrendo, e aí começa a desrespeitar regras, bate no coleguinha, cospe na cuidadora, às vezes dá essas coisas... ah mas ele nunca fez isso, sim é porque ele está sofrendo. Então eles sentem sim, quanto mais tempo eles estão aqui mais eles sofrem.

Entrevistador: O que acontece com as crianças e adolescentes com alguma deficiência que não são adotadas?

Entrevistada: Essa é uma demanda bem complicada que a gente tem hoje o encaminhamento inicial é o abrigo Gillian, esses acolhimentos se encaixam como longa permanência. A gente teve uma situação aqui em Jaraguá bem pontual, de um adolescente que tinha uma doença degenerativa e uma perspectiva de vida muito baixa, então na época que ele veio acolhido com uns 11 anos mais ou menos, os médicos falavam que ele viveria até os 18, e quando ele foi chegando perto dos 18 a gente foi percebendo que ele não iria morrer, aí existe a possibilidade de o juiz estender esse acolhimentos até os 21. A gente solicitou a prorrogação do acolhimento dele até os 21 anos, ele ficou com a gente até os 20, e aí a gente percebeu que a gente enquanto instituição não tinha mais condição de cuidar dele porque ele tinha uma demanda de saúde que dificultava os cuidados que a gente não tem condição de atender aqui, aí então ele foi encaminhado para uma instituição de saúde, instituição de longa permanência que a gente chama, ele não estava mais acolhido neste caso né porque ele já tinha completado maioridade, então ele foi

desacolhido e foi para esta instituição para ter atendimentos de saúde. Às vezes acontecem com menores de 18 que precisam desse tipo de atendimento mais específico de saúde, que eles não têm uma família pra dar conta, eles são encaminhados para instituições de saúde ainda que acolhidos, então ele continua na nossa lista de acolhidos, mas ele não tá aqui, ele tá lá em uma instituição de saúde, porque daí ele precisa ser atendido pela saúde. São difíceis essas questões de precisar de atendimento específico, numa demanda de deficiência por exemplo. O que a gente tem muito neste momento é demanda de saúde mental, isso a gente tem bastante, lá principalmente mais do que aqui.

Entrevistador: As experiências pessoais dos adotados podem influenciar na adaptação da família?

Entrevistada: Podem, e é por isso que as famílias pretendentes à adoção precisam ser muito bem trabalhadas, e é por isso que existe o acompanhamento do psicossocial, porque sim eles precisam estar preparados porque o mais comum é que essa criança ou adolescente chegue a casa dessa família e ele vai testar. “Será que essa família vai dar conta de mim?”, então tudo que ele tem de pior ele vai mostrar, logo de cara, que é pra testar mesmo “vamos ver se eles me aguentam”, muito comum isso acontecer, esse primeiro teste, então sim, pode influenciar sim. A gente tem casos de devolução de adoção por conta disso, porque a família não deu conta de administrar toda essa história dessa criança, enfim.

Entrevistador: Existem casos de desistências durante o processo de adoção em Jaraguá do Sul?

Entrevistada: Existem, mas não somente em Jaraguá do Sul, existe no país inteiro, a gente entende que tem muita família que não entende as responsabilidades deles enquanto pais, e se vocês adotarem uma criança ele é seu filho, não tem essa de “não agora eu cansei não quero mais”. Então existe sim a gente entende que existem muitas crianças e adolescentes com muitas demandas e com uma história

de vida muito sofrida e isso obviamente vai dificultar, mas a gente entende que sempre a responsabilidade é do adulto.

Entrevistador: Qual é a razão pela qual o número de pretendentes à adoção ser maior do que o número de crianças disponíveis?

Entrevistada: Por conta do perfil, essas análises que são feitas, eles colocam a quantidade de pretendentes a quantidade de criança, mas eles não colocam o perfil desses pretendentes, essas pessoas estão esperando por crianças que não estão disponíveis, está esperando o perfil de uma criança que não está aqui, então é por isso que eles estão esperando, por isso que o número é maior. Mas essa diferença de um número pro outro é devido ao perfil. E é por isso que o cadastro é nacional (o cadastro de adoção), então a lei também prevê que esta criança seja adotada e que ela seja criada dentro da cultura dela, por exemplo, se pegar uma criança lá do Rio Grande do Norte ela tem uma cultura completamente diferente daqui, então a preferência é que ela fique lá no Rio Grande do Norte para que seja respeitada essa cultura dela.